



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

ALNARIA ANDRADE DE OLIVEIRA

A ARGUMENTAÇÃO PRESENTE NOS GÊNEROS ORAIS E ESCRITOS

CAJAZEIRAS – PB

2018

ALNARIA ANDRADE DE OLIVEIRA

A ARGUMENTAÇÃO PRESENTE NOS GÊNEROS ORAIS E ESCRITOS

Monografia apresentada ao Curso de Letras – Licenciatura em Língua Portuguesa da Unidade Acadêmica de Letras do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Hérica Paiva Pereira

CAJAZEIRAS – PB

2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

O482a Oliveira, Alnaria Andrade de.
A argumentação presente nos gêneros orais e escritos / Alnaria
Andrade de Oliveira. - Cajazeiras, 2018.

62f.: il.

Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Hérica Paiva Pereira.

Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) UFCG/CFP,
2018.

1. Língua portuguesa. 2. Texto. 3. Gêneros textuais. 4. Gênero
seminário. 5. Argumentação. I. Pereira, Hérica Paiva. II. Universidade
Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV.
Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 811.134.3

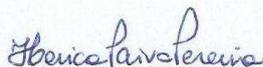
ALNARIA ANDRADE DE OLIVEIRA

A ARGUMENTAÇÃO PRESENTE NOS GÊNEROS ORAIS E ESCRITOS

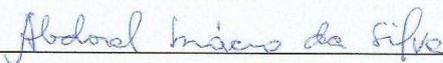
Monografia apresentada ao Curso de Letras – Licenciatura em Língua Portuguesa da Unidade Acadêmica de Letras do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande.

Aprovado em: 13 / 03 / 2018

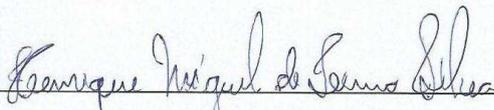
BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dr.ª Hérica Paiva Pereira
(UAL/CFP/UFCG - Orientadora)



Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva
(UAL/CFP/UFCG – Examinador 1)



Prof. Me. Henrique Miguel de Lima Silva
(UAL/CFP/UFCG – Examinador 2)

A Deus.

Aos meus pais, esposo e irmãos.

Dedico!

AGRADECIMENTOS

Gratidão é a palavra que demonstra todo o caminho percorrido que me fez chegar até aqui.

Deus, a quem me dirijo a todas as forças e a sua condução em tudo em minha vida.

A minha mãe Maria Andrade, que está sempre presente e me incentiva a seguir em frente.

Ao meu pai Luiz Martins, que contribui na minha vida.

Ao meu esposo Vinicius Andrade, que com amor e paciência está sempre presente, mesmo diante das dificuldades.

Aos meus irmãos, pelo estímulo e principalmente a minha irmã Alnajaria que percorre junto, mesmo distante está sempre presente.

Aos amigos da UFCG da turma 2012.2 pelo companheirismo e alegrias de todas as noites.

As amigas Roseane, Aldeci, Simone, Ana e Antônia pelas palavras de carinho, apoio e amizade.

Aos amigos do ônibus, na qual apreço a compreensão e ao mesmo tempo as alegrias compartilhadas.

Aos professores da UFCG, que passaram na nossa turma, que nos acompanharam durante nossa caminhada na graduação, pela compreensão, seus ensinamentos e ao compartilhar das experiências como também ajuda.

A CAPES, pelo apoio financeiro com a bolsa de auxílio.

Ao PIBID, que incentivou e enriqueceu o meu currículo acadêmico, como também o meu desenvolvimento em sala de aula.

A minha professora e orientadora Dr.^a Hérica Paiva Pereira, por ter me aceitado como orientanda, não desmotivando, mas, mostrando caminhos para seguir e caminhando juntas na realização deste trabalho. Obrigada Mestra!

E finalmente, quero deixar aqui o meu agradecimento a todos que de uma forma direta e indireta colaboraram para a realização desta pesquisa, como da minha trajetória da vida acadêmica. Obrigada!

*“O argumento é o que realça, o que faz
brilhar uma ideia.”*

(FIORIN, 2015).

RESUMO

O presente trabalho discorreu sobre a relevância da argumentação, encontrado nos gêneros orais e escritos, em especial no gênero seminário. Para isso o objetivo geral foi mostrar a importância de trabalhar os elementos de argumentação, presentes no texto, para que cada sujeito possa expor com clareza seus argumentos, pensamentos, como também persuadir seus interlocutores. Utilizamos como embasamento teórico, os PCN (1997-1998-2000), FIORIN (2015), KOCH (1999-2000-2002-2008-2013), DOLZ e SCHNEUWLY (2004), entre outros que norteiam a base de estudos. No que se refere à metodologia, é uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativa, por querer compreender a relevância da argumentação presente no gênero seminário. Como resultado da pesquisa, pudemos constatar a importância da argumentação, como ferramenta que o professor possui, para o desenvolvimento da oralidade e da escrita de seus alunos através do gênero seminário.

Palavras-chave: Texto. Gêneros textuais. Gênero seminário. Argumentação.

ABSTRACT

This work spoke about the relevance of the argumentation, an aspect that find itself in verbal and written genres, mainly in Seminar genre. To this end, the main objective of this study is to show the importance of working the items of argumentation present in the text so that the subject can expose its arguments and thoughts clearly and it can persuade its interlocutors. We used the PCNs (1997-1998-2000), FIORIN (2015), KOCH (1999-2000-2002-2008-2013), DOLZ e SCHNEUWLY (2004) and other thinkers as theoretical basis and all of them were essential for this research. As concerns methodology, it is a bibliographic research with qualitative approach for the understanding about the relevance of the argumentation in Seminar genre. According to the result of the search, we observe the importance of argumentation as an implement of the teacher to the development of orality and writing from its students through the Seminar genre.

Keywords: Text. Textual genre. Seminar genre. Argumentation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	-	Esquema de sequência didática.....	25
Figura 2	-	Postura durante apresentação de um seminário.....	35
Figura 3	-	Livro 01: Ilustração do gênero seminário no livro didático.....	37
Figura 4	-	Livro 01: Ilustração do gênero seminário no livro didático.....	38
Figura 5	-	Livro 01: Ilustração do gênero seminário no livro didático.....	39
Figura 6	-	Livro 01: Ilustração do gênero seminário no livro didático.....	40
Figura 7	-	Livro 02: Exploração oral.....	41
Figura 8	-	Livro 02: Exploração oral.....	42
Figura 9	-	Livro 02: Exploração oral.....	43
Quadro 1	-	Diferença entre a linguagem oral e escrita.....	23
Quadro 2	-	Diferença entre fala e escrita.....	24
Quadro 3	-	Apresentação dos operadores e sua função.....	29
Quadro 4	-	Estratégia de apresentação de um seminário.....	34

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNC	Base Nacional Comum
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CFP	Centro de Formação de Professores
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PCNEM	Parâmetros Curriculares do Ensino Médio
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
UAL	Unidade Acadêmica de Letras
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 TEXTO E GÊNEROS TEXTUAIS: CAMINHOS NECESSÁRIOS PARA ACONSTRUÇÃO DA LINGUAGEM	15
2.1 O TEXTO E OS ELEMENTOS DA TEXTUALIDADE	16
2.2 GÊNEROS TEXTUAIS ORAIS E ESCRITOS	21
2.2.1 Gênero argumentativo	26
3 A ORALIDADE E A ESCRITA PRESENTES NO GÊNERO SEMINÁRIO.....	31
3.1 GÊNERO SEMINÁRIO: CONCEITOS E CONCEPÇÕES	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS.....	47

1 INTRODUÇÃO

O ser humano desenvolve a sua linguagem a partir da comunicação entre os sujeitos, possibilitando assim uma troca de informações e de conhecimentos, em que partilha e persuade de forma a se influenciar e ser influenciado no ato da enunciação. É nessa perspectiva, que os gêneros textuais orais e escritos, como modalidades distintas da linguagem, contribuem para que o sujeito/aluno se desenvolva e possa atuar nas diferentes práticas sociais.

Para Marcuschi (2011) os gêneros orais e escritos possuem diversas formas de se manifestar, e tem uma identidade própria, esses são flexíveis e variáveis, além de adaptar-se aos diferentes contextos, eles se renovam e se multiplicam.

O gênero textual é visto como um instrumento que depende da situação comunicativa para que haja uma interação, utilizando na prática uma linguagem na produção e recepção. Portanto a sua relevância, em relação às práticas de ensino em sala de aula já que, é através deles que os professores podem criar situações para a sua produção, tanto na oralidade como na escrita. É também, através da situação comunicativa que ocorre a interação com outros meios e pessoas, fazendo-se necessário o uso da argumentação para convencer ou persuadir o outro a necessidade de dizer, mostrar e expressar a sua opinião.

Na argumentação é preciso usar argumentos para a compreensão das ideias, das palavras em que o sujeito está diretamente ligado à forma de como produzir a sua fala. Assim, é importante ter presente a entonação, o vocabulário, o espaço, o tempo e a pessoa com a qual se interage, trocando assim, opiniões e argumentando o seu ponto de vista.

Na sala de aula, a argumentação está presente em todos os sentidos, mas principalmente no gênero seminário, no qual o sujeito/aluno está diretamente ligado à exposição de um determinado tema, utilizando-se da escrita para escrever a temática a ser argumentada oralmente, e a montagem dos slides para a apresentação. Como dizem os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (1998, p. 25), “[...] cabe à escola ensinar ao aluno a utilizar a linguagem oral no planejamento e realização de apresentações públicas: realização de entrevista, debates, seminários, apresentações teatrais.”

A esse ponto nos perguntamos: será que a maioria dos alunos consegue expor suas ideias ao argumentar algo? Essa é a pergunta pela qual esse trabalho quer dar sentido, no que diz respeito à execução em sala de aula.

Sabemos que não obstante a oralidade e a escrita, principalmente, sejam trabalhadas em sala de aula, ainda deixa muito a desejar as atividades educativas desenvolvidas por nossos alunos. Principalmente a oralidade se destaca como muito difícil, isso porque ainda é pouco trabalhada em sala de aula. Por isso, os alunos, em grande parte, chegam às universidades com dificuldades de expor e defender seu ponto de vista.

Nesse sentido, a escolha do tema *A argumentação presente nos gêneros orais e escritos*, se deve a reconhecermos que, muitas vezes a dificuldades apresentadas por nossos alunos, como por exemplo: receio e insegurança de falar em público, em determinados ambientes e inclusive na sala de aula, se devem a essa falta de prática do uso da oralidade, de forma organizada.

Por esse motivo, este trabalho tem por objetivo geral mostrar a importância de trabalhar os elementos de argumentação, presentes no texto, para que cada sujeito possa expor com clareza seus argumentos, pensamentos, como também persuadir seus interlocutores. E como objetivos específicos, queremos definir conceitos de texto e textualidade; apontar a importância do trabalho com os gêneros orais e escritos; apresentar o gênero argumentativo e destacar as marcas de oralidade e a escrita presentes no gênero seminário.

A pesquisa está fundamentada nos PCN (1997-1998-2000), Fiorin (2015), Koch (1999-2000-2002-2008-2013), Dolz e Schneuwly (2004) e entres outros. Enquanto a metodologia é uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativa a fim de buscar a compreender a importância do argumentar na construção de sujeitos ativos e participativos de uma sociedade.

O trabalho compõe-se de três partes. O primeiro capítulo compreende a introdução do trabalho, seguindo o texto e os elementos da textualidade, e neste ponto faz um todo aparato do que é o texto e os elementos da textualidade que os compõem, dando sequência os gêneros orais e escritos, mostrando a importância na sociedade e na escola, como o gênero argumentativo, capaz de ser um elo transformador da situação. E o terceiro capítulo abrange a oralidade e a escrita presentes no gênero seminário.

2 TEXTO E GÊNEROS TEXTUAIS: CAMINHOS NECESSÁRIOS PARA A CONSTRUÇÃO DA LINGUAGEM

A linguagem é um meio necessário para que os indivíduos possam comunicar-se entre si. De acordo com os PCN (1998, p. 20) é através dela que os sujeitos “[...] expressam ideias [sic], pensamentos e intenções se estabelecem relações interpessoais anteriormente inexistentes e se influencia o outro, alterando suas representações da realidade e da sociedade e o rumo de suas (re) ações.” Enquanto que os Parâmetros Curriculares do Ensino Médio - PCNEM (BRASIL, 2000) defendem que é por meio da linguagem que os sujeitos compreendem o mundo ao seu redor como também os mais variados pensamentos e modos de comunicar-se.

Nesta perspectiva, ao desenvolver a linguagem, o sujeito sofre forte influência do local de onde ele está inserido. Isso quer dizer que a construção do conhecimento linguístico depende da relação realizada através das práticas sociais que possibilitam comunicar ideias, pensamentos e ações que influenciam e estabelecem relações de sentidos. Nessa ótica, os PCN (BRASIL, 1998) afirmam que ao interagir por meio da linguagem estamos realizando atividades discursivas que se expressam por meio de interações ocorridas em certo meio e circunstâncias, com determinada forma e intenção, interagindo no seu modo de expressar os pensamentos, sentimentos, opiniões, argumentações, etc., influenciando e sendo influenciado.

A Base Nacional Comum - BNC (BRASIL, 2000, p. 5) afirma que “a linguagem permeia o conhecimento e as formas de conhecer, o pensamento e as formas de pensar, a comunicação e os modos de comunicar, a ação e os modos de agir. Ela é a roda inventada, que movimenta o homem e é movimentada pelo homem.”

Portanto, a linguagem é uma atividade humana que se comunica entre si, possibilitando a troca de informações para o conhecimento, construindo sentidos sobre si, sobre a vida e sobre o outro, partilhando visões de mundo.

Nessa perspectiva, Antunes (1997, p. 58) acredita que:

Nas atividades de linguagem, além do conhecimento do mundo, é necessário também que conheça, os as muitas regras (ou regularidades) que especificam o que devemos fazer para organizar um texto, para lhe dar uma seqüência [sic], para lhe atribuir uma continuidade e uma progressão, para lhe conferir algum tipo de sentido e coerência.

A autora ressalta que não basta haver somente o conhecimento de mundo para desenvolver a linguagem. Para isso, ela defende que é indispensável que o falante de uma língua possua um conhecimento de normas que articulam a construção de um texto, ou seja, para que este tenha sentido e coerência.

Sendo assim, é por meio da linguagem, encontrada no mais variados textos, que podemos realizar a interação verbal e não verbal entre os sujeitos.

2.1 O TEXTO E OS ELEMENTOS DA TEXTUALIDADE

Os PCN (BRASIL, 1997, p. 25) dizem que “[...] o texto é o produto da atividade discursiva oral ou escrita que forma um todo significado e acabado, qualquer que seja sua extensão.” E defende ainda que ele se constitui a partir da coesão e da coerência. Assim, o texto, na sua comunicação oral e escrita, tem a sua identidade capaz de desenvolver-se nas modalidades discursivas.

Segundo os PCNEM (2000, p. 6) o texto é de natureza “[...] verbal e não verbal”, e constitui um todo dotado de significação. Pode assumir diferentes configurações, dependendo do tema a ser abordado, da estrutura composicional e do estilo, conjunto a que denomina gênero textual/discursivo.

Entretanto, Cavalcante (2014) diz que para que os textos sejam compreendidos, é necessário que o leitor /ouvinte tenha conhecimento sobre o mundo que fala na sociedade na qual está inserido e como também sobre a língua em que estes estão escritos/falados. Sendo assim, o texto é uma ação de interlocução que exige que os falantes e escritores tenham presente seus interlocutores ao escreverem o texto.

Na perspectiva de Antunes (2010) a comunicação ocorre através de um texto, já que esse contém um propósito a ser comunicado. Sendo assim todo texto começa com um ato que predomina a comunicação na interação verbal entre sujeitos. A autora defende o ponto de vista de Marcuschi ao afirmar que um texto começa a partir de um ato de fala de determinado sujeito.

A estudiosa compara a diferença do peixe e do ser humano diante da linguagem e da água, porque o peixe não vive fora da água, já que todo o seu modo de ser e comportar-se é dentro da água. No que se refere aos seres humanos, esse

não existe fora da linguagem, porque ao abrir a boca para falar ou realizar qualquer outra atividade comunicativa, está construindo textos. Nesse sentido, qualquer palavra fora de um contexto, ou seja, isolada, é considerada um peixe fora da água.

Ao comparar o texto ao peixe, a pesquisadora quer dizer que o texto para existir precisa de um contexto, de um ambiente, como ocorre com o peixe. O texto é “[...] o ambiente natural para qualquer palavra, qualquer frase. Fora do texto, a palavra sufoca, a frase estrebucha e morre. E como pode o peixe vivo viver fora da água fria?”. (ANTUNES, 2010, p. 12). Isso quer dizer que o peixe não vive fora da água fria, como também o texto não vive fora do seu habitat que seria o contexto.

Nesse sentido, todo texto se desenvolve a partir de um tema, e esse é gerado de uma ideia central que por sua vez permite a elaboração de um resumo, entendimento dos títulos e subtítulos, com coesão, consequência dos fatos, informações, argumentos, comentários entre outros, caracterizando o uso da linguagem, a temática do texto oral ou escrito.

Sendo assim, o propósito comunicativo, parte do texto que sempre tem uma finalidade e um objetivo específico a cumprir, ou seja, “[...] expor, explicar, convencer, persuadir, defender um ponto de vista, propor uma ideia, apresentar uma pessoa, um evento, uma ideia, relatar um fato, descrever um evento, dar uma notícia, divulgar um resultado, informar, etc.” (Ibidem, p. 69).

Assim o texto oral ou escrito, em uma situação comunicativa, contém elementos contextualizados, como: para que, quando, para quem, onde, em que suporte, que se organiza dentro de um determinado gênero, considerando o contexto e as formas no enunciado. Nesse caso, nenhuma pessoa produz textos para não falar absolutamente nada, portanto não se pode confundir conteúdo e o sentido do texto.

Desse modo, para entender um texto são necessárias habilidades para identificar o propósito comunicativo que se quer transmitir, como também conhecer as estratégias para alcançar a finalidade que se quer alcançar.

A autora cita outros autores para exemplificar o que é texto, como Schmidt (1978:80 e 167), Adam (2008:107), Halliday e Hasan (1989:52) e Marcuschi (2008:23) e afirma que não se constrói textos sem um desempenho comunicativo, pois todo texto é formado por instruções, numa sequência de atos e não de palavras,

numa linguagem funcional do não uso da língua fora das inter-relações pessoais e sociais na qual estão situadas.

Ainda nessa perspectiva, Antunes (2010, p. 33) faz uma pergunta em relação ao texto, “o que um conjunto de palavras precisa ter para funcionar e ser identificado sendo um texto?”. Em resposta, Beaugrande e Dressler (1981 apud ANTUNES, 2010, p. 33) “[...] propõem como propriedades ou critérios da textualidade: a coesão, a coerência, a intencionalidade, a aceitabilidade, a informatividade, a intertextualidade, a situacionalidade” e propõem como propriedades do texto: a coesão, a coerência, a informatividade e a intertextualidade, e como condições de efetivação: a intencionalidade, a aceitabilidade e a situacionalidade.

A autora (Ibdem, p. 29-30) afirma que a textualidade acontece em qualquer língua em que ocorre a comunicação através de determinado gênero textual. Para isso são necessários os elementos constitutivos da textualidade para que um texto alcance seu objetivo.

O conceito de textualidade para a Linguística textual é compreendida como um conjunto de características que constituem um texto, ou seja, uma atividade de comunicação que ocorre por meio da interação. (BEAUGRANDE; DRESSLER, 1981).

No que diz respeito à coesão, esta está preocupada com os recursos gramaticais e lexicais do texto na forma de inter-relação de ligação, de encadeamento entre os vários segmentos (palavras, orações, períodos, parágrafos, blocos superparágrafos) do texto, dando assim a unidade formal do texto.

A coerência é outro tipo de encadeamento, ou seja, está responsável pelo sentido do texto, considerada assim o elemento da comunicação linguística verbal. Portanto, é a coerência textual que se ocupa pela harmonia do texto, apresentando como um todo coerente e compreensível.

A informatividade, em relação ao texto adquire a sua forma e o seu conteúdo em determinado contexto. Essa ocorre através da capacidade de informar, determinada comunicação, pelo produtor do texto. Já a intextualidade faz uso dos recursos de sua entrada, em que um texto adquire forma e conteúdo em relação a outros textos produzidos anteriormente, na qual o sujeito utiliza no seu contexto para o seu conhecimento.

A situacionalidade, em relação ao texto, se torna adequada na comunicação ao contexto social. Enquanto a intencionalidade, o interlocutor se preocupa em

manifestar linguisticamente em relação ao texto que tenha sentido e seja coerente ao ser apresentado. E a aceitabilidade, o interlocutor tem a expectativa de como processar os sentidos e as intenções expressas do texto.

Marcuschi (2008) também define os sete critérios de textualidade, acima tratados por Antunes. Ele afirma que a coesão é a parte da estrutura da sequência (superficial) do texto, utilizando-se os conectivos ou as referenciais. E que compõem esses recursos formais para comunicar-se os seus conhecimentos e sentidos.

Quanto à coerência, o estudioso, baseado nos estudos de Beaugrand diz:

A coerência subsume os procedimentos pelos quais os elementos do conhecimento são ativados, tais como a conexão conceitual. A coerência representa a análise do esforço para a continuidade da experiência humana. Isto significa que há uma distinção bastante clara entre a coesão como a continuidade baseada na forma e a coerência como a continuidade baseada no sentido. (BEAUGRANDE, 1980, p. 19 apud MARCUSCHI, 2008, p. 119).

Para o teórico, a relação que existe entre a coesão e a coerência se dá de forma linear do texto. A coesão é a ligação das palavras, das frases, da relação e da conexão que há entre os elementos que constituem o texto, como as marcas linguísticas e a estrutura superficial. Enquanto a coerência é o sentido completo do texto do início ao fim, articulando as ideias, formando um todo significado.

Já na parte da intencionalidade, o autor afirma qual é a intenção do interlocutor ao uso do texto ao ser comunicado. Para explicar os princípios da intencionalidade e da aceitabilidade, o autor dá o exemplo da companhia de telefonia, em que a intencionalidade está relacionada ao uso do texto, o que tenho em mente ou quero que se faça. Enquanto a aceitabilidade se relaciona a como eu reajo e aceito o que o texto apresenta, considerando ou me enganando nas intenções pretendidas, ou seja, como o receptor aceita o texto.

No critério da situacionalidade, Marcuschi (2008) defende a necessidade de incluir no texto a situação social, cultural, ambiente etc, em que o texto é desenvolvido. Enquanto na intertextualidade, o texto é visto como a sua relação ao contexto na qual está inserido para a construção de outros textos, e que a fixação dos tipos e gêneros do texto, eles se relacionam e também se distinguem.

Para Marcuschi (2008 apud KOCH, 1991, p. 532) acrescenta no seu enunciado “que a intertextualidade seria a relação de um texto com outros textos

previamente existentes, isto é, efetivamente produzidos.” E menciona que, trata o critério da textualidade, como um meio essencial do texto junto a discursos e não como alguma coisa isolada.

Já no critério da informatividade, Marcuschi (2008) se relaciona ao fato da expectativa ou mesmo da falta, como do conhecimento ou desconhecimento e de incertezas oferecido no texto. E conclui que a informatividade é um critério bastante complexo e pouco específico.

Marcuschi (2008 apud BEAUGRANDE; DRESSLER, 1981) observa os setes critérios, como: dois orientados pelo texto: o da coesão e coerência, dois pelo aspecto psicológico: o da intencionalidade e aceitabilidade; um pelo aspecto computacional: a informatividade; e dois pelo aspecto sociodiscursivo: a situacionalidade e a intextualidade. Portanto, nesta perspectiva os critérios da textualidade faz com que todo texto seja reconhecido de forma como tal, dependendo dos interlocutores em ação de uso de seus argumentos.

Na visão de Bronckart (2012) todo texto desenvolve-se através de sujeitos centrados no tempo e no espaço e que pode ser defendido por quatro parâmetros: o primeiro seria o lugar de produção, ou seja, o lugar físico na qual o texto é construído; o segundo se refere ao momento de produção, pela sua extensão de tempo em que o texto é produzido, e da sequência pelo receptor, na qual as pessoas que recebem ou percebem o texto na sua totalidade e o emissor, na qual o sujeito (ou a máquina) produz fisicamente o texto que pode ser realizada na oralidade ou na escrita.

No que se refere à produção oral e escrita, elas se desenvolvem no espaço e no tempo. Na produção oral, o sujeito está situado no mesmo espaço e tempo do emissor, enquanto na produção escrita, o receptor não está situado no mesmo espaço e tempo do produtor. O autor afirma ainda que a noção de texto pode ser aplicada a toda e qualquer produção de linguagem na qual está situada, oral ou escrita e dá exemplos de um diálogo familiar, uma exposição pedagógica, um pedido de emprego, um artigo de jornal, um romance, etc.

No que diz respeito às características de cada texto, o estudioso diz que há uma relação de interdependência com as propriedades do contexto em que é produzido, como também o modo determinado de organização de seu conteúdo referencial; composição mais ou menos estrita e mecanismos enunciativos destinados a assegurar coerência interna.

2.2 GÊNEROS TEXTUAIS ORAIS E ESCRITOS

Todo gênero é caracterizado pelo seu domínio de atuação, em que requer modos específicos de combinar, indissolivelmente, conteúdo temático, propósito comunicativo, estilo e composição. Esses são flexíveis e variáveis, adaptáveis e se renovam e multiplicam-se, dependendo das variadas necessidades de atuação das práticas sociais.

Os gêneros textuais, segundo Marcuschi (2008, p. 155) “são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam como padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos, enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas.”

Em se tratando de tipo textual, este se trata de uma espécie de construção teórica caracterizada por possuir uma natureza linguística e uma composição lexical, sintática, de tempos verbais, como também uma relação lógica e de estilo. Em geral, os tipos textuais compreendem um número limitado de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição e injunção.

Em contraposição aos tipos, “os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas, constituindo em princípio listagens abertas.” (IBDEM, p. 155) Exemplos disso temos:

[...] telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurantes, instruções de uso, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferencia, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais e assim por diante. (MARCUSCHI, 2008, p. 155).

E assim, quanto tal, os gêneros “[...] são formas textuais escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente situadas.” (MARCUSCHI, 2008, p. 155).

Quanto ao domínio discursivo encontramos um conjunto de gêneros textuais “[...] nas quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que às vezes lhe são próprios ou específicos como rotinas comunicativas institucionalizadas e instauradoras de relações de poder.” (MARCUSCHI, loc. cit.).

No que se refere aos textos orais e escritos diferenciam-se uns dos outros e são produzidos em condições diferentes. Beth Marcuschi (2001 apud DOLZ, 2004, p. 97), afirma que a maneira como escrevemos depende da prática social a ser desenvolvida. Portanto, a escrita de uma carta não é a mesma de um conto, como também de uma exposição diante de uma classe ou público, ou mesmo quando conversamos com os amigos.

Os textos orais e escritos são diferentes, mas ao mesmo tempo um entrelaça o outro. O texto oral não pode ser retomado ou renovado, só no caso de programas de TVs e rádios, que fazem montagens, enquanto o texto escrito pode ser retomado e reescrito no momento que o sujeito quiser.

O texto oral ocorre de duas maneiras, primeira pela situação comunicativa, no caso: o espaço, o tempo, os interlocutores, os objetivos, o gênero e seu lugar social e segundo pelas reações do interlocutor, que ajusta a fala no momento de produção. Nesse sentido, os PCN (BRASIL, 1998) defendem que o sujeito, ao produzir um texto, necessita ordenar vários aspectos: o que dizer, a quem dizer e como dizer.

Quanto à linguagem verbal, esta é uma atividade discursiva que tem como interação os resultados dos textos orais e escritos, e que podem ser produzidos para a compreensão, desdobrando-se simultaneamente em atividades de fala e escrita, leitura e escuta.

Cavalcante (2014 apud BRASIL, 1998), explica a relação da leitura de textos escritos, na produção de textos orais e na produção de textos escritos. Na leitura de textos escritos o aluno pode selecionar textos, construir um conjunto de expectativa de leitura de textos de gêneros, extraindo e sintetizando informações, expressando em linguagem própria oral ou escrita, e interpretando recursos figurativos.

Portanto, na produção de textos orais o aluno pode planejar a fala pública, utilizando a linguagem escrita em função da situação e dos objetivos, como também empregando e valorizando o repertório linguístico de sua comunidade na produção de textos, monitorando o seu desempenho oral diante da intenção comunicativa.

Para exemplificar a linguagem oral e escrita, eis o quadro abaixo:

Quadro 1 – Diferença entre a linguagem oral e escrita

GÊNEROS PRIVILEGIADOS PARA A PRÁTICA DE ESCUTA E LEITURA DE TEXTOS			
LINGUAGEM ORAL		LINGUAGEM ESCRITA	
LITERÁRIOS	*Cordel, causos e similares *Texto dramático *Canção	LITERÁRIOS	*Conto *Novela *Romance *Crônica *Poema *Texto dramático
DE IMPRENSA	*Comentário radiofônico *Entrevista *Debate *Depoimento	DE IMPRENSA	*Notícia *Editorial *Artigo *Reportagem *Carta do leitor *Entrevista *Charge e tira
DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA	*Exposição *Seminário *Debate *Palestra	DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA	*Verbete *Enciclopédico (nota/artigo) *Relatório de experiências *Didático (textos, enunciados de questões) *Artigo
PUBLICIDADE	*Propaganda	PUBLICIDADE	*Propaganda

Fonte: Adaptado dos PCN (1998, p. 54).

Assim, na produção de textos escritos o aluno pode redigir diferentes tipos de textos, estruturando-os de maneira a garantir tema e propósitos do texto, continuidade temática, a explicitação de informações contextuais ou de premissas indispensáveis à interpretação. Além disso, é possível realizar escolhas de elementos lexicais, sintático, figurativos e ilustrativos, fazendo ajuste às circunstâncias, formalidade e propósitos da interação, utilizando com propriedade e desenvoltura os padrões da escrita em relação ao gênero e as condições de produção.

A fala tem suas características próprias, primeiramente porque ela não é planejada, pois ocorre de maneira simultânea e o resultado desse processo é a escrita. Koch (2013) menciona que fala e escrita são duas modalidades do uso da

língua, apesar de utilizar do mesmo sistema linguístico, as duas possuem características próprias.

As diferenças mais frequentes entre fala e escrita, segundo a autora são:

Quadro 2 – Diferença entre fala e escrita

FALA	ESCRITA
Contextualizada	Descontextualizada
Implícita	Explícita
Redundante	Condensada
Não planejada	Planejada
Predominância do “modus pragmático”	Predominância do “modus sintático”
fragmentada	Não fragmentada
Incompleta	Completa
Pouco elaborada	Elaborada
Pouca densidade informacional	Densidade informacional
Predominância de frases curtas, simples ou coordenadas	Predominância de frases complexas com subordinação abundante
Pequena freqüência de passivas	Emprego freqüente de passivas
Poucas nominalizações	Abundancia de nominalizações
Menor densidade lexical	Maior densidade lexical

Fonte: Koch (2013, p. 78).

As diferenças existentes entre a fala e a escrita, como também as relações que existem entre si, ocorrem sempre dentro de determinado gênero textual, em função de complementar as práticas de linguagens, como a socialização nas práticas comunicativas no contexto em meios sociais e históricos, e nas produções discursivas que possam determinar os usos sociais.

De acordo com os PCN (BRASIL, 1998, p. 21):

Os gêneros são, portanto, determinados historicamente, constituindo formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura. São caracterizados por três elementos: conteúdo temático: o que é ou pode tornar-se dizível por meio do gênero; a construção composicional que se refere à estrutura particular dos textos pertencentes ao gênero; e o estilo: configurações específicas das unidades de linguagem derivadas, sobretudo, da posição enunciativa do locutor; conjuntos particulares de sequência que compõem o texto etc.

Nesse sentido, os gêneros atendem às necessidades de cada indivíduo por meio de diferentes textos que circulam na sociedade e também no ambiente escolar.

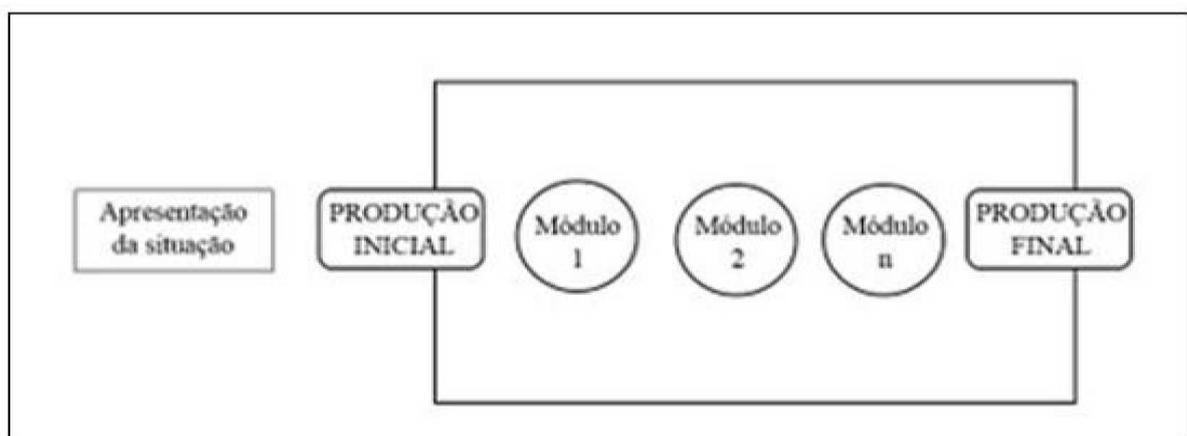
Por isso a importância de explorar cada gênero, na prática social do aluno, para que assim este encontre um significado real às suas necessidades.

Marcuschi (2008) acredita que a manifestação verbal se dá continuamente por meios de textos realizados em algum gênero. Portanto, ao se ter o domínio de um gênero não significa saber usar uma forma linguística, mas sim alcançar linguisticamente os objetivos que se quer alcançar em determinadas situações. Desta forma, para que haja socialização é necessário apropriar-se dos gêneros nas diferentes práticas de atividades comunicativas humanas.

Marcuschi (2008 apud DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004), defende ainda que, uma proposta eficaz para se trabalhar os gêneros textuais públicos da oralidade e da escrita é a sequência didática, ou seja, uma série de atividades escolares, de um gênero textual oral ou escrito, apresentada de forma organizada e ordenada.

A sequência didática está estruturada em etapas, visando proporcionar um trabalho que verá todos os pontos essenciais para a compreensão e produção do texto. Sendo a sua estrutura de base representada neste esquema (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 83):

Figura 1 – Esquema de sequência didática



Fonte: Dolz; Noverraz; Scheneuwly (2004, p. 83).

A sequência didática apresenta uma situação, ou seja, uma produção de um gênero oral ou escrito, buscando “favorecer a mudança e a promoção dos alunos ao domínio dos gêneros e das situações de comunicação.” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 97).

Nos módulos são apresentados, aos alunos, instrumentos para trabalhar as dificuldades e na produção final, as possibilidades em colocar em prática as noções trabalhadas nos módulos separados. De consequência, na produção final, avalia-se a aprendizagem do alunado referente ao trabalho com os gêneros textuais. Resumindo, as sequências didáticas visam o aprimoramento das práticas de escrita e de produção oral e estão centralizadas, principalmente, na aquisição de procedimentos e de práticas.

Enfim, o gênero textual atua de forma dinâmica, por meio de saberes socioculturais, e também sofrem variações, dependendo dos objetivos que se quer alcançar. Portanto a plasticidade e dinamicidade são suas características intrínsecas ou inatas, que os fazem capazes de adaptar-se a qualquer circunstância, por isso a sua relevante contribuição no trabalho acadêmico ao promover o diálogo entre as práticas de letramento do aluno e os novos conhecimentos.

2.2.1 Gênero argumentativo

O gênero argumentativo tem a finalidade de convencer, de persuadir e de expor a sua opinião diante as diversas situações do cotidiano, como também no trabalho e na escola etc., portanto, a argumentação tem como ponto principal, convencer e persuadir a pessoa que escuta ou que lê o texto, ao expressar a sua opinião. Koch (2002, p.10) afirma que “o ato de argumentar é visto como o ato de persuadir que procura atingir a vontade, envolvendo a subjetividade, os sentimentos, a temporalidade, buscando adesão e não criando certezas”.

Segundo Citelli (2000) a palavra persuasão vem da etimologia *per* mais *suadere* que significa aconselhar. Para o estudioso a persuasão é o ato de submeter, pois quem persuade leva ao outro a aceitar uma dada ideia. E que essa palavra possa buscar a mecanismos de persuadir no momento de uma argumentação.

Na argumentação, há um ponto de vista e uma linguagem adequada para que as palavras possam aprofundar-se no sujeito. Os PCN (BRASIL, 1997) defendem que o uso das palavras, em que as situações de comunicação ocorrem se diferenciam de acordo com cada formalidade estabelecida, dependendo do assunto, como também dos sujeitos e da finalidade comunicativa.

Nessa perspectiva, argumentar, ao mesmo tempo é uma forma de expressar uma linguagem oralmente fazendo uso de palavras que verbaliza sentido no contexto. Neste sentido, é necessário fazer uso de argumentos para a compreensão de ideias, de palavras em que o sujeito está diretamente ligado à forma de como produzir a sua fala. Nesse sentido, é importante ter presente a entonação, o vocabulário, o espaço, o tempo e a pessoa com a qual se interage, trocando assim, opiniões e argumentando o seu ponto de vista.

Sendo assim a argumentação traduz-se em linguagem, explicitamente na linguagem humana, ou seja, na troca de informações e na compreensão de ideias, mostrando a capacidade do indivíduo de determinar o seu pensamento. Assim, a argumentação considera que cada sujeito pode ter a liberdade de escolher o seu ponto de vista, propondo assim o melhor sentido de argumentos que permite analisar, construir e expor determinados tipos de expressões. Fiorin (2015, p. 69) afirma que "um argumento são proposições destinadas a fazer admitir uma dada tese. Argumentar é, pois, construir um discurso que tem a finalidade de persuadir [...]".

Argumentos esses que funcionam como sentido para conhecer o real valor das palavras em seu enunciado, focalizando os modos de produção e os diversos modos de interação. Assim, cada sujeito possa focalizar em seus discursos a maneira necessária para fazer de seus argumentos propícios para uma boa interpretação.

Portanto, é com base na argumentação que o sujeito pode usar uma determinada língua nas variadas situações de comunicação, de interação em determinados contextos, fazendo relações de sentido na forma de interagir, analisar, compreender, interpretar e produzir discursos nos diversos modos da fala.

Segundo o autor, é através da argumentação que as palavras possuem valor para serem entendidas, ou seja, ressalta que cada ato da fala possui uma determinada língua na qual utiliza uma linguagem e uma forma de expressão como também um timbre em seus argumentos na busca de melhorar o envolvimento entre as pessoas na sociedade, no trabalho ou na escola.

Na construção da argumentação, é importante a presença das três esferas, o falante, o ouvinte e a fala, assim, cada um com a sua função no determinado meio de um discurso. O enunciador (falante) faz uso da linguagem na construção do seu ponto de vista do seu discurso, fazendo usos discursivos e focalizando sobre as análises de sua própria argumentação para o meio. Afirma ainda que, o discurso

como argumento de um enunciado, no processo de enunciação põe em jogo três elementos: “o enunciador, o enunciatário, e o discurso, ou, como foram chamados pelos retores, o orador, o auditório e a argumentação propriamente dita, o discurso [...]” (FIORIN, 2015, p. 69).

Além dos três elementos, o estudioso destaca seis fatores: a comunicação no ato da realização; o emissor que produz a mensagem; o receptor a quem a mensagem foi prestada; a mensagem que seria o material na qual estão as informações; o código que seria a língua a qual é possível construir uma determinada mensagem; o canal onde a mensagem é comunicada seja no telefone ou no canal auditivo e o referente, como a condição a que a mensagem remete.

Assim, para o autor, a argumentação é uma questão de linguagem, na qual o sujeito exprime de forma clara a sua enunciação, como também as ambiguidades e seguindo o jogo das palavras, em que cada uma tem um papel do sufixo, como exemplo, o ismo.

Para Koch (1999, p. 36), “os operadores argumentativos são responsáveis pelo encadeamento dos enunciados, estruturando-os em textos e determinando a sua orientação discursiva”. São eles que estabelecem o sentido, de acordo com cada situação de enunciação, de um argumento mais forte para um caso de conclusão, para dar sentido positivo ou negativo às expressões.

A autora destaca os operadores argumentativos ou discursivos, como:

[...] conectivos – mas, porém, embora, já que, pois, etc., e, em outros, justamente de vocábulos que, segundo a N.G.B., não se enquadram em nenhuma das dez classes gramaticais. Rocha lima chama-as de palavras denotativas e Bechara de denotações de inclusão (até, mesmo, também, inclusive); de exclusão (só, somente, apenas, senão, etc); de retificação (aliás, ou melhor, isto é); de situação (afinal, então, etc.). (KOCH, 1999 p. 105).

Para a autora, é necessário conscientizar o usuário da língua do seu valor argumentativo diante das marcas, que chama a atenção no enunciado das palavras nos argumentos, na qual permite ver o discurso do outro como próprio, interagindo entre si.

O quadro teórico abaixo apresentado por Koch (2004) consta os principais tipos de operadores e respectivamente a sua função:

Quadro 3 – Apresentação dos operadores e sua função

OPERADOR	FUNÇÃO
„mesmo“, „até“, „até mesmo“, „inclusive“ <i>f</i>	Organizam a hierarquia dos elementos numa escala, assinalando o argumento mais forte para uma conclusão R;
ao menos“, „pelo menos“, „no mínimo“	Introduzem dado argumento deixando subentendida a presença de uma escala com outros argumentos mais fortes;
portanto“, „logo“, „por conseguinte“, „pois“, „em decorrência“, „conseqüentemente“	Introduzem uma conclusão relativa a argumentos apresentados em enunciados anteriores;
<i>f</i> „ou“, „ou então“, „quer...quer“, „seja..seja“	Introduzem argumentos alternativos que conduzem a conclusões diferentes ou opostas;
„mais que“, „menos que“, „tão...como“	<i>f</i> Estabelecem relações entre elem
porque“, „que“, „já que“, „pois“	Introduzem uma justificativa ou explicação relativa ao enunciado anterior;
mas“, „porém“, „contudo“, „todavia“, „no entanto“, „embora“, „ainda que“, „posto que“, „apesar de (que)“	Contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias;
„um pouco“ e „pouco“, „quase“ e „apenas“, „só“, „somente“	<i>f</i> Distribuem-se em escalas opostas, isto é, um deles funciona numa escala orientada para a afirmação total e o outro, numa escala orientada para a negação total;
„e“, „também“, „ainda“, „nem“ (= e não), „não só...mas também“, „tanto...como“, „além disso“, „além de“, „a par de“	<i>f</i> São argumentos que fazem parte de uma mesma classe argumentativa, isto é, somam argumentos a favor de uma mesma conclusão.
„aliás“	<i>f</i> Introduz um argumento decisivo, resumindo todos os demais argumentos.
„já“, „ainda“, „agora“	São responsáveis por introduzir no enunciado conteúdos pressupostos.

Fonte: Koch (2004).

Diante desse quadro podemos observar que os conectivos operam com cada função perante a organização de textos, em determinado meio de argumentos, tornando-os coesos e coerentes. Exemplos desses são os advérbios, preposições, conjunções e entre outros.

Nessa perspectiva, na enunciação dos argumentos, o sujeito deve saber como utilizar os diversos tipos de falas, em diferentes meios inseridos, na qual os argumentos possam representar nas intenções do falar e ouvir, na linguagem, a entonação, as expressões e referência, a maneira de como relacionar-se, produzir e compreender o sentido argumentativo. Portanto, os argumentos destinam aos sujeitos persuadir, isto é, convencer, ambos a defender a um determinado ponto de vista e direcionar a tomada de decisões para a realização das ações no mundo social.

3 A ORALIDADE E A ESCRITA PRESENTES NO GÊNERO SEMINÁRIO

3.1 GÊNERO SEMINÁRIO: CONCEITOS E CONCEPÇÕES

Os gêneros textuais argumentativos, de expor o seu ponto de vista, utiliza uma linguagem na construção de saberes ao apresentar uma opinião, uma ideia, na qual as práticas de atividades apresentam textualmente formas do saber através da oralidade e da escrita.

Segundo os PCN (BRASIL, 1997, p. 49) “o texto expositivo – tanto o oral como escrito - é um dos que maiores dificuldades apresenta, tanto ao produtor como ao destinatário.” No caso da exposição oral, o principal objetivo é desenvolver conteúdos, em que os sujeitos possam trocar informações, sendo um conhecedor e pesquisador do assunto, e o outro, receptor do conhecimento.

Nesse sentido, falar da linguagem oral é destacar que o conhecimento vem do desenvolvimento da compreensão da escola e fora dela, e que não existe ensinar a falar ou a fala correta, mas ensinar a usar a fala adequada a cada uso no seu contexto no qual está inserido.

Para os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, p. 51-52) “o trabalho com linguagem oral deve acontecer no interior de atividades significativas: seminários, dramatização de textos teatrais, simulação de programas de rádio e televisão, de discursos políticos e de outros usos públicos da língua oral.” Então, cabe à escola instruir os alunos a fazer o uso da linguagem oral nas situações comunicativas, propondo atividades em que os alunos possam desenvolver suas práticas sociais.

O termo oral, segundo Schneuwly e Dolz (2004, p. 127) diz que vem “[...] do latim os, oris (boca), refere-se a tudo o que concerne à boca ou a tudo aquilo que se transmite pela boca.” E acrescenta ainda que em oposição a escrita, o oral reproduz na linguagem falada em que diante da realização, da qual cria e sai os sons.

Para os autores a escola é um local de comunicação e as diversas ocorrências de comunicação acontecem na produção e recepção dos textos. Por isso faz-se necessário a busca de múltiplas ocasiões da escrita e da fala dos alunos para que estes se desenvolvam e se apropriem dos conhecimentos e dos instrumentos ao desenvolver a sua competência de expressar oralmente e na escrita.

Os estudiosos defendem ainda que, a língua oral é usada de forma espontânea e no cotidiano, que faz parte da pessoa do aluno. E que o mesmo é instituído como um todo homogêneo, em que confunde com a escrita ou se opõe a mesma. Portanto, as formas de interação entre a escrita e a oralidade se diferenciam nas funções de comunicação e dos objetivos em sala de aula. Dessa forma, a oralidade é expressa com clareza, confiando nos seus argumentos exposto com firmeza do seu ponto de conhecimento.

E para desenvolver o domínio da oralidade, o autor explica que a exposição é uma atividade muito frequente na prática dos professores ao recorrem ao gênero seminário. Através dela o sujeito tem por sua vez o papel de desenvolver, na oralidade e ao mesmo tempo transmitir a um certo público, conhecimentos de conteúdo, selecionando informações em função do assunto e da finalidade.

Neste sentido, na perspectiva da sala de aula, a exposição trata de estabelecer um componente ensinável, que tenha características na qual possa surgir modalidades de intervenções, como a situação de comunicação, em que os alunos aprendem algo sobre determinado tema, adquirindo e enriquecendo o seu conhecimento. Sendo assim, “o papel do expositor é o de transmitir um conteúdo, ou dito de outra forma, de informar, de esclarecer, de modificar os conhecimentos dos ouvintes nas melhores condições possíveis [...]” (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004 p.186).

Na parte da organização interna da exposição, o expositor, tem em princípio, o planejamento, na qual a pesquisa de elementos textuais na organização pode ser o objeto de estudos de atividades individuais ou coletivos para toda a classe. Ainda para os autores, a exposição poderá ser dividida em partes e subpartes: a fase de abertura, em que o expositor tem o contato direto com o público, ao cumprimentá-lo autentica a sua fala, dá importância, define a situação e as finalidades que acontecerá; uma fase de introdução ao tema, aborda a apresentação e delimita o tema e ao mesmo tempo movimenta o interesse, a atenção e a curiosidade.

A apresentação do plano coloca em evidencia o planejamento que serve tanto para o expositor como também para o público; o desenvolvimento e o encadeamento dos diferentes temas devem estar atento ao que foi dito no plano; uma fase de recapitulação e síntese, significa que consente retomar os pontos principais da exposição, como também a parte da conclusão por ser a mensagem final, pode surgir um novo problema ou dar início a um novo debate da situação da exposição; por fim,

o encerramento, momento que ocorre os procedimentos de agradecimentos e entre outros.

Já na parte das características linguísticas é necessário que “o gênero expositivo possa fornecer ao aluno um repertório de formas que permitam (e necessitem) construir operações linguísticas (mais ou menos) específicas a esse gênero de texto.” (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p.189). Assim, a oralidade na exposição na sala de aula, comporta várias características que integram o modelo didático, sendo que primeiro a compreensão de textos, falar alto e distintamente, nem muito rápido, nem muito lento, mas gerenciado pelas suspensões para permitir a identificação do texto. Dessa forma, a exposição oral, sendo o seminário, que é direcionado a determinado público, com objetivos específicos que deixa claro o conteúdo em que se desenvolve.

Na visão de Araújo e Silva, (2013, p. 23-24) a oralidade é “um objeto múltiplo à luz dos estudos linguísticos porque tem sido apreendida de olhares diferentes,” e destaca o trabalho com o gênero seminário, que precisa seguir etapas, como o planejamento, execução e avaliação, destacando a execução no momento do conteúdo proposto, na ação espaço tempo. Para isso, essas etapas devem estar interligadas para auxiliar a comunicação, a aprendizagem de conteúdos ao fazer uso de uma boa atuação dos sujeitos, no início da exposição e no fechamento.

As autoras (Ibidem, p. 89) citam que:

O seminário pode ser apresentado como sinônimo de exposição oral, uma vez que é direcionado a um público, com objetivo estabelecido de, em interação, transpor o conteúdo, sob uma forma mais ou menos regular em que se desenvolve. É espaço de pesquisa, organização, observação, postura e aprofundamento sobre um dado assunto, que irá recair sobre o alcance ou limitação de sua aplicação.

O seminário é um gênero que tem na sua organização de caráter, na maioria das vezes ser utilizado em sala de aula, através da modalidade oral e escrita. Na primeira fase, o planejamento, que são os textos de bases e complementares através da escrita e logo depois a execução, ou seja, a fase de interação oral entre o expositor e o público acerca do conteúdo proposto. Vale salientar que a produção final pode ser o texto reescrito depois da apresentação realizada oralmente, como forma de aprimorar a escrita do texto.

Quadro 4 – Estratégia de apresentação de um seminário

UNIDADES RETÓRICAS E ESTRATÉGIAS EM SEMINÁRIOS
UNIDADE RETÓRICA 1 → ABERTURA
Estratégias → Apresentação do grupo Apresentação da questão norteadora Contextualização do trabalho num eixo comum Projeção da fase instrumental
UNIDADE RETÓRICA 2 → FASE INSTRUMENTAL
Estratégias → Desenvolvimento do assunto de forma expositiva Exemplificações práticas do assunto
UNIDADE RETÓRICA 3 → FECHAMENTO
Estratégias → Retomada breve da exposição (Retrospecção) Solução da questão norteadora Debate

Fonte: Araújo e Silva (2013, p. 93-94).

Bezerra (2003 apud ARAÚJO; SILVA, 2013) destacam que o seminário é uma forma de explorar e aprofundar determinado tema, através da oralidade em discurso, coletivo e estabelecido em sala de aula. Portanto, o gênero seminário, é exclusivamente um gênero expositivo do contexto escolar, da sala de aula, que permite aos professores avaliar os alunos. E também é um gênero que tem a finalidade de interagir diante de contextos comunicativos.

Os PCN (1998, p. 22) afirmam que os professores precisam “[...] planejar, implementar e dirigir as atividades didáticas, com o objetivo de desencadear, apoiar e orientar o esforço de ação e reflexão do aluno, procurando garantir aprendizagem efetiva.” Vale salientar que nessas práticas, em sala de aula, é necessário que o professor seja coerente ao ensinar o gênero específico e trabalhar os modos de produção na prática oral. Ao mesmo tempo, é importante desenvolver a produção de

diversas atividades que trabalham o sentido social e escolar que mobilizam a capacidade do sentido da linguagem.

As autoras Clara, Altenfelder e Almeida (2010) destacam as habilidades e estratégias para se ter o domínio da oralidade e da escrita em sala de aula, para assim melhorar a compreensão dos textos que expressam variadas situações de comunicação. Vejamos o que dizem as autoras:

[...] o professor deve preparar o aluno para que, ao ler aprenda a fazer registros pessoais, melhore suas estratégias de compreensão e desenvolva uma relação mais sólida com o saber e com a cultura. Não é suficiente que o aluno seja capaz de decifrar palavras, identificar informações presentes no texto ou lê-lo em voz alta – é necessário verificar seu nível de compreensão e, para tanto, tem de aprender a relacionar, hierarquizar essas informações com a situação de comunicação e com o conhecimento que ele possui, a ler nas entrelinhas o que o texto pressupõe, sem o dizer explicitamente, e a organizar todas as informações para dar-lhes um sentido geral. (CLARA; ALTENFELDER; ALMEIDA 2010, p.10-11).

Dessa forma, para apresentar o gênero seminário, os professores precisam orientar aos alunos sobre como fazer uma boa apresentação oral, que pode ser individual ou em grupo, na qual o seu principal objetivo é transmitir os conhecimentos específicos de um determinado assunto.

Como podemos observar, a figura 2 nos mostra a realização de uma apresentação do gênero seminário.

Figura 2 – Postura durante apresentação de um seminário



Fonte: http://www.inatel.br/imprensa/images/IMG_1966.JPG.

É fundamental que primeiro, os alunos saibam qual o tema a ser apresentado, assim, vão pesquisar em livros, revistas, jornais, internet, etc., fontes de informações sobre o assunto. Em seguida, fazer resumos, anotações de tudo que enriqueça o texto, como dados, citações, comparações e exemplos.

A partir do conteúdo estudado preparamos o seminário e a seguir fazemos os ensaios. Aqui é importante considerar o tempo certo, mas principalmente a forma clara e objetiva da linguagem utilizada para a compreensão da sequência de início de abertura, introdução do tema, desenvolvimento, conclusão e por último o encerramento. Outro fator relevante é a adequação da fala (tom e intensidade) na interação com o público, na qual é necessário distinguir o uso da fala formal e informal, como na postura corporal, na qual os gestos, expressões e movimentos são complementações das informações da fala.

Na hora da apresentação, o aluno ou o grupo deve ver como é o ambiente e adequar-se a ele na sua forma de vestir roupas ou acessórios que não roubem a cena; usar um relógio para controlar o tempo, utilizar o microfone no volume adequado, ir diretamente ao ponto do assunto, não fazendo rodeios; prestar a atenção nos ouvintes para monitorar o tom da voz; evitar gestos repetitivos; não fazer perguntas na qual não possam ser respondidas; ao manusear o retroprojetor não dar as costas para os ouvintes e para responder as perguntas olhar diretamente para quem lhe perguntou.

Diante do exposto, vejamos uma amostra de dois livros didáticos que tratam do gênero Seminário. O livro didático 1 é do 8º ano do Ensino fundamental II de Cereja e Cochar (2015) e o livro número 2 é do 1º ano do Ensino Médio de Faraco 2013

Vejamos o que trata o livro 1 sobre o gênero seminário:

Figura 3 – Livro 01: Ilustração do gênero seminário no livro didático



Fonte: Cereja (2015, p. 250-251).

Na atividade ilustrada aparece primeiramente a explicação do que é um seminário, seguida pela parte do planejamento e a preparação de um seminário, que segue algumas etapas. A primeira cita a pesquisa de informações; em sequência a tomada de notas que serve para estudos e a apresentação do mesmo para enriquecer o texto.

Na segunda foto, vem a seleção e a organização de informações e os recursos de materiais, como introduzir, desenvolver e concluir na exposição, como quais os temas e subtemas a ser abordados no decorrer do desenvolvimento e quais os recursos (notebook, retroprojetor, datashow, caixa de som, apostilas, cartazes, etc.) serão necessários para uma boa apresentação. E importante não esquecer o roteiro, que organiza a sequência dos fatos tratados na apresentação, mas sem deter-se a ele unicamente. A sua função é a de orientar o palestrante, por isso basta visualizar rapidamente para lembrar de algum tópico ou até mesmo da sequência da exposição.

Figura 4 – Livro 01: Ilustração do gênero seminário no livro didático

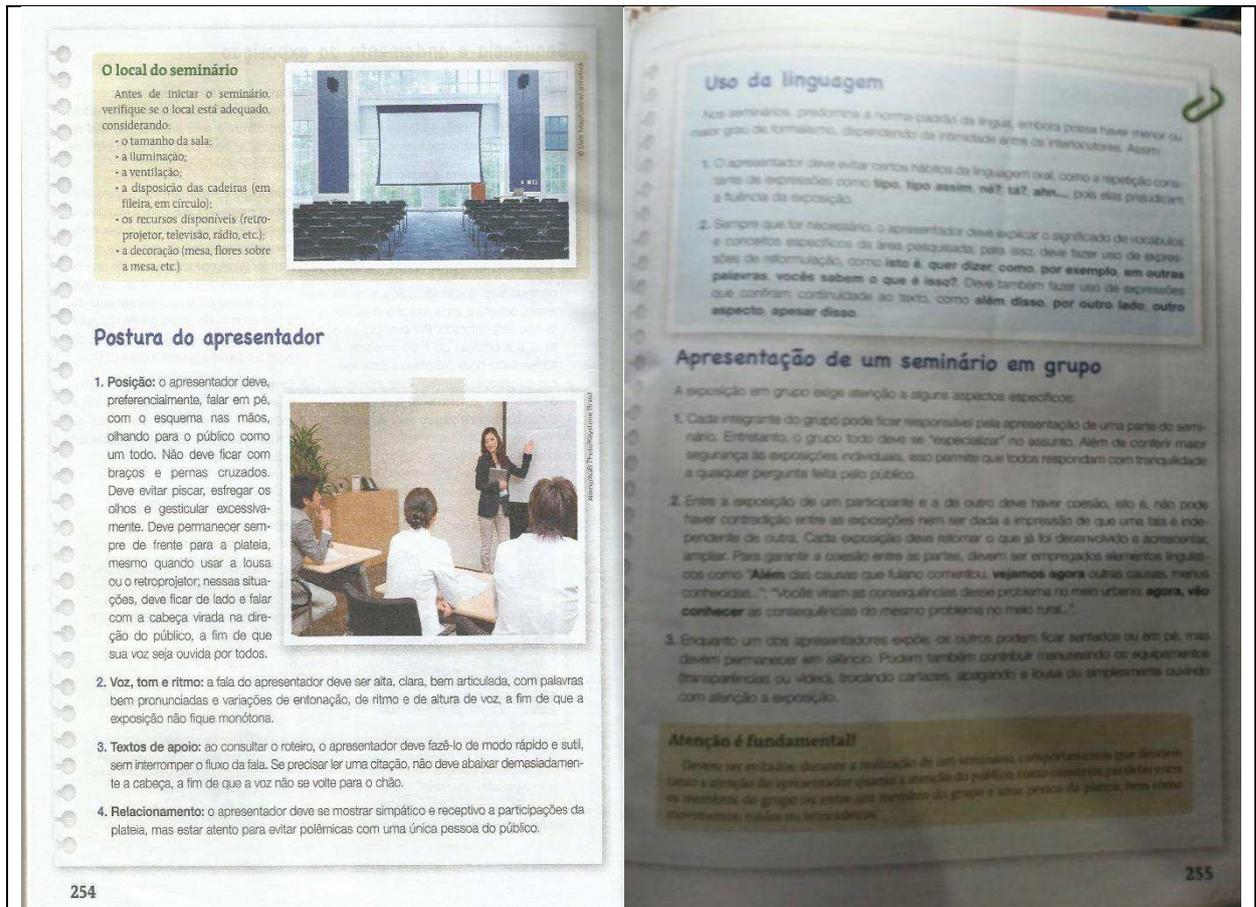


Fonte: Cereja (2015, p. 252-253).

Dando sequência a apresentação da exposição, a foto mostra como fazer um breve ensaio antes de apresentar, para que tenhamos segurança na hora da fala e fluência. Para isso, a execução do seminário precisa ter uma sequência e o andamento das etapas da exposição, como a abertura, na qual o professor da sala cita o seminário e a equipe, assim depois a tomada da palavra e os cumprimentos, em que o apresentador coloca-se a frente do público alvo, cumprimentando e dando início ao seminário.

Nesse momento apresentamos o tema, abordando a importância e o que irá apresentar, enfatizando sobre o aspectos específicos do assunto do seminário completo.

Figura 5 – Livro 01: Ilustração do gênero seminário no livro didático



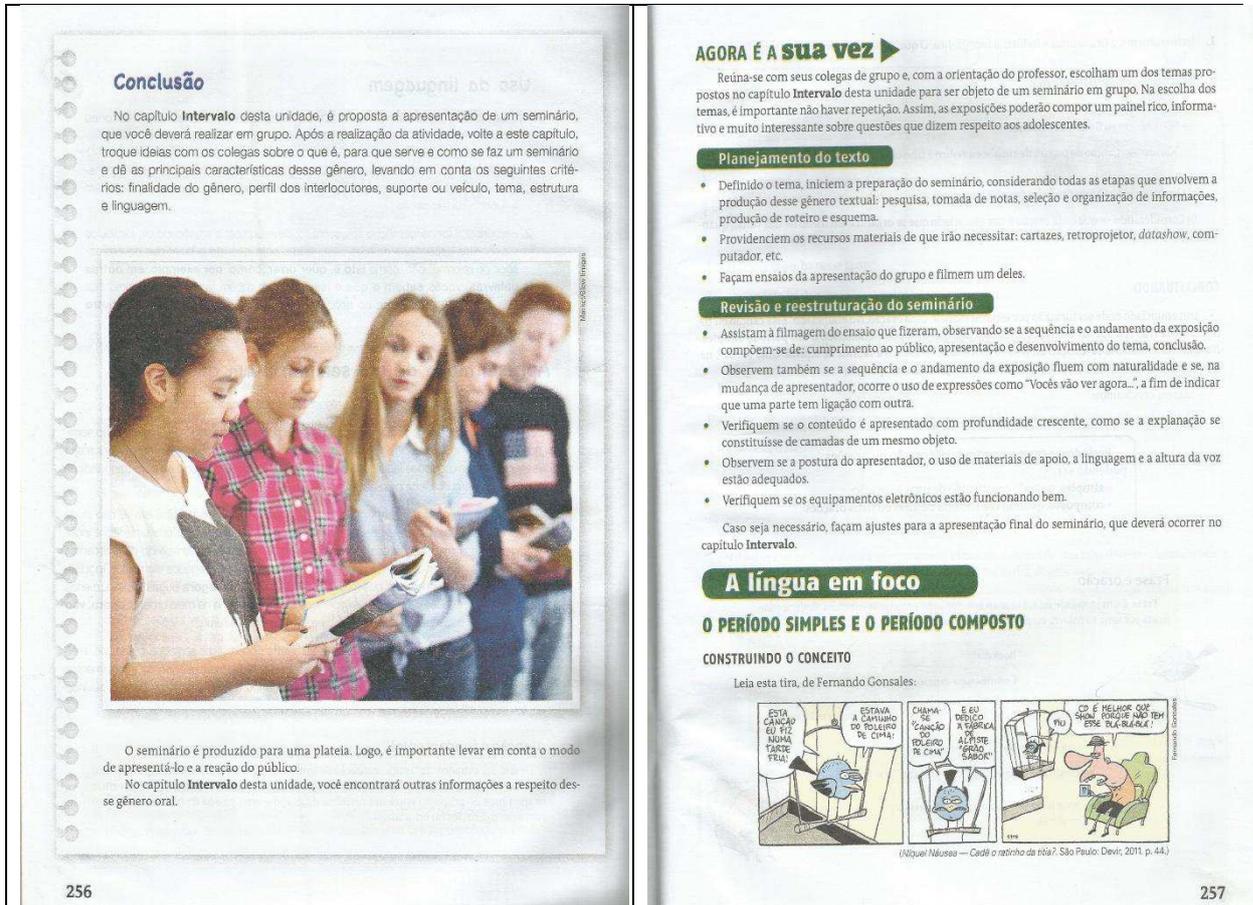
Fonte: Cereja (2015, p. 254-255).

A foto, que segue, começa mostrando o local do seminário, na qual o expositor antes de iniciar deve verificar se o local está adequado para a exposição, como: o tamanho da sala, iluminação, ventilação, disposição de cadeiras e os recursos disponíveis. Em seguida mostra a posição do apresentador, como deve se comportar; a voz; o tom e o ritmo da fala; o uso do texto de apoio e o roteiro, desde que não interrompa a fala e o relacionamento com o público, ao qual deve se mostrar sempre agradável e receptivo.

O uso da linguagem deve ser o mais formal possível, mesmo dependendo da familiaridade com o público. Para isso é necessário evitar certos hábitos de repetições de expressões na fala e fazer o uso de expressões que dão continuidade ao assunto do texto. Já a apresentação em grupo, exige que os grupos prestem atenção na parte de cada integrante, pois permite a todos a responder com firmeza a qualquer pergunta feita pelo público. E entre a exposição de um participante a de outro, é possível haver coesão, pois um complementa ao outro, dando sequência ao

assunto abordado, enquanto os demais ficam em silêncio, em pé ou sentados, ouvindo com atenção a exposição.

Figura 6 – Livro 01: Ilustração do gênero seminário no livro didático



Fonte: Cereja (2015, p. 256-257).

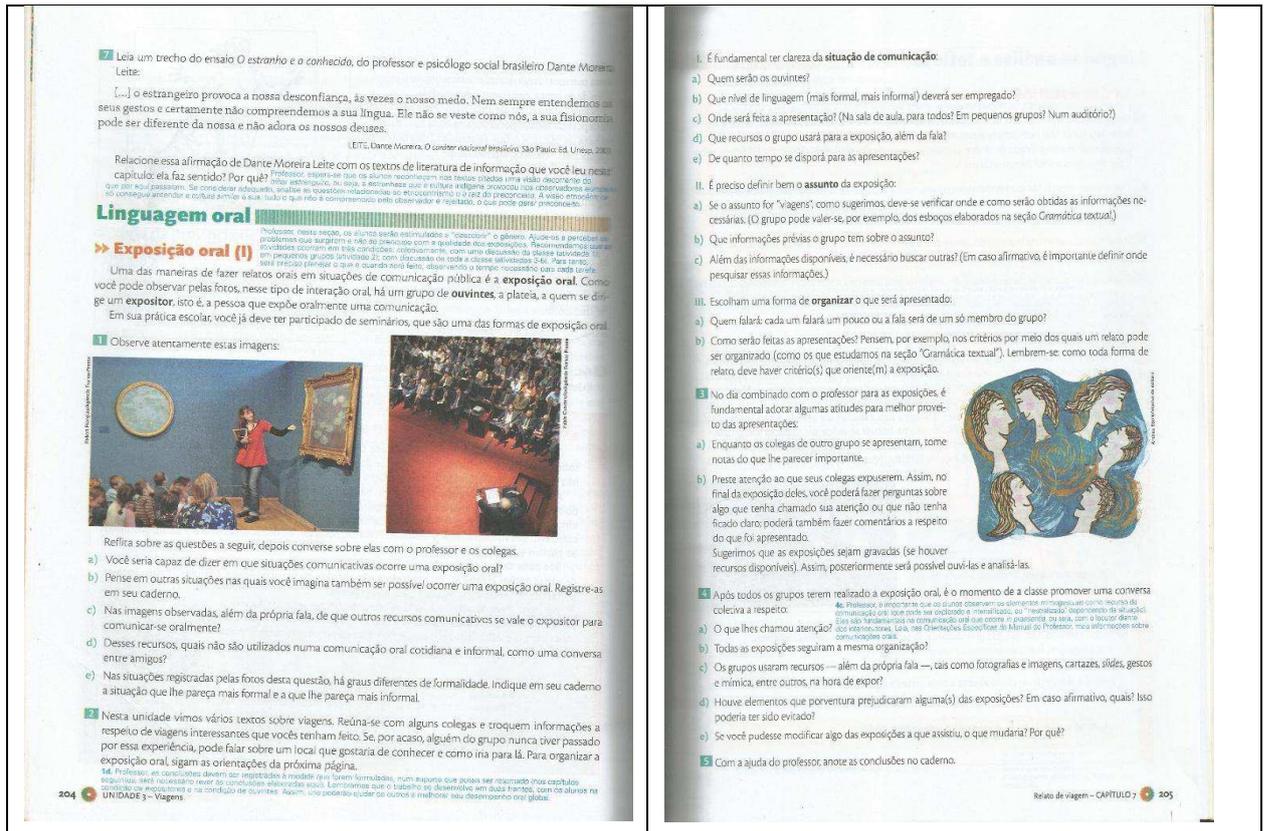
Na parte da conclusão, o livro apresenta as características do gênero seminário e suas intenções, perfil dos interlocutores a quem se destina, suporte ou veículo na qual é produzido, tema, estrutura e a linguagem.

A esse ponto o livro didático convida o aluno a construir um Seminário com a frase: Agora é a sua vez. Para isso o aluno deve realizar um seminário utilizando os variados recursos de textos, do próprio livro, para que cada seminário seja diferente na forma de ser realizado e debatido o tema, mas que siga a mesma estrutura de um planejamento, revisão e estrutura do seminário.

O livro didático número 2, do 1º ano do Ensino Médio de Faraco 2013 divide o gênero seminário em três exposições (exposição oral (I), exposição oral (II) e exposição oral (III), na qual faz a abertura do gênero na exposição oral (I), com uma

breve apresentação do gênero seminário em apenas três linhas. Em seguida explica quais são os recursos de exposição oral, convidando o aluno a pensar. E na próxima página vai exibindo cada passo de uma apresentação, mas de forma de perguntas, como mostra a seguir:

Figura 7 - Livro 02: Exposição oral



Fonte: Faraco (2013, p. 204-205).

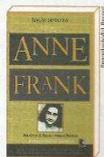
As perguntas fazem o aluno pensar e montar o gênero seminário para a sua própria exposição, podendo ser individual ou em grupo. Para isso ele deve delimitar a situação comunicativa; o assunto que será abordado; a forma de organização do que será apresentado e depois de exposto o seminário, uma conversa informal e coletiva dos pontos que foi feito durante a apresentação, do que foi bem elaborado, os recursos e a fala, demonstrando o seu conhecimento.

Enquanto na exposição oral (II), remete ao anterior do estudo da exposição, e retoma o que foi visto, ao evidenciar na produção as anotações dos pontos positivos e negativos, como mostra a foto:

Figura 8 – Livro 02: Exposição oral

Um dos mais famosos livros memorialistas já publicados no Ocidente é *O diário de Anne Frank*. Nesse livro, são relatados os sofrimentos e as esperanças de uma adolescente judia que ficou escondida durante mais de dois anos no sótão de uma casa para se livrar dos nazistas (lembra-se de que, durante a Segunda Guerra Mundial, milhões de judeus foram perseguidos, aprisionados e mortos pelo governo de Adolf Hitler, que governou a Alemanha de 1933 a 1945). O livro continua sendo publicado e vendeu até hoje mais de 25 milhões de exemplares no mundo.

→ *O diário de Anne Frank*, em edição publicada pela Record.



Linguagem oral

>> Exposição oral (II)

No capítulo anterior, foi dado início ao estudo da **exposição oral**. Neste, a proposta é retomar e analisar as conclusões elaboradas para que se conheçam as características desse gênero oral.

1. Retome, com seus colegas, as conclusões elaboradas no capítulo anterior. Com a ajuda do professor, releiam tudo o que foi registrado e separem as conclusões em dois grupos:

Aspectos positivos	Aspectos que devem ser melhorados
--------------------	-----------------------------------

O que foi considerado positivo é o que vocês já sabem sobre o gênero. O que ainda deve ser melhorado representa aspectos que provavelmente vocês não conhecem sobre a exposição oral.

2. No roteiro a seguir, fornecemos algumas características fundamentais da exposição oral.

- Como, na exposição oral, o expositor deve conquistar a atenção do ouvinte, o primeiro passo é apresentar-se e preciso que você cumprimente a plateia, diga quem é e o que vai expor.
- O segundo passo é apresentar sucintamente o plano geral da exposição; assim, os ouvintes ficam preparados para ouvir o que você tem a dizer. Utilize formas linguísticas que pontuem brevemente esses momentos. Por exemplo:

Para começar/ Em primeiro lugar/ Primeiramente, apresentaremos...
 Em seguida/ Em segundo lugar, mostraremos imagens que...
 Depois/ Na sequência, cada um de nós relatará uma experiência em que...
 Finalmente/ Para concluir/ Para terminar, apresentaremos nossas conclusões sobre...

Assim, você prepara os ouvintes para o que será apresentado.

Diário pessoal – CAPÍTULO 8 229

c) O terceiro procedimento é iniciar a exposição propriamente dita. Siga a ordem indicada. Sempre anuncie o que será dito. Por exemplo:

Agora, falaremos sobre...
 Então, daremos continuidade explicando como...
 Neste momento, vamos apresentar...

d) Todos esses momentos da exposição podem ser ilustrados com documentos. Assim, o ouvinte fica atento ao que você diz porque pode visualizar as informações. Esses documentos visuais podem ser cartazes, objetos, slides, entre outros.

e) Sempre podem ser acrescentados exemplos. Para introduzir esses exemplos, pode-se dizer:

Para exemplificar esse fato...
 Por exemplo...
 Um bom exemplo disso que acabei de dizer é...

f) Quando você perceber que algo que acabou de dizer não foi bem entendido (em geral, as reações dos ouvintes nos indicam isso), pode reformular e dizer a mesma coisa, mas de outro modo:

Isso que acabei de dizer é o mesmo que...
 Para explicar melhor isso que eu disse...
 O que acabei de dizer pode ser explicado assim...
 Isso quer dizer que...

g) Se você for apresentar algo que parece difícil de compreender, pode chamar a atenção dos ouvintes fazendo-lhes perguntas. Todas as perguntas que você fizer devem ser respondidas logo na sequência. Por exemplo:

Quando viajei para o Nordeste, comi manteiga de garrafa. Vocês sabem o que é isso? É uma...

h) A boa exposição sempre se encerra por um breve resumo de tudo o que foi dito. Para introduzir esse resumo, você pode utilizar formas como:

Para terminar, gostaria de lembrar que...
 Relembramos agora que...
 Finalmente, é preciso saber que...
 No final, a viagem foi boa porque...

i) Encerre perguntando aos ouvintes se eles gostariam de fazer algum comentário, se há ainda alguma dúvida, etc. Procure responder às perguntas com informações de sua própria apresentação. Se ninguém se manifestar, agradeça aos ouvintes por terem prestado atenção em sua exposição:

Gostaria de agradecer a atenção de todos...
 Ficamos muito contentes que vocês tenham se interessado por nossa apresentação...
 Foi ótimo ter podido compartilhar com vocês nossa experiência de viagem...

3. Agora que vocês conhecem essas características da exposição oral, retomem os problemas anteriormente apontados e verifiquem se eles poderiam ser resolvidos com as sugestões dadas.

4. Os grupos que já haviam se apresentado devem agora reunir-se e replanear sua própria exposição. Se foi possível gravá-la, pode ser interessante ouvir a gravação feita para perceber claramente o problema.

5. Por fim, cada grupo apresenta para os demais o que percebeu da própria exposição. Não deixem de registrar no caderno as conclusões elaboradas. No próximo capítulo, encerramos o estudo da exposição oral.

230 UNIDADE 3 – Viagens

Fonte: Faraco (2013, p. 229-230).

Nesses pontos positivos e negativos, é necessário questionar o que foi considerado positivo, destacando o que aprenderam sobre o gênero. Em relação ao ponto negativo, dizer que pode ser melhorado. Em seguida, mostrar como proceder em uma apresentação de um seminário, explicando pontos de como utilizar as formas linguísticas, a posição da ordem indicada, de como usar as palavras sucintamente na introdução, em geral retomando o que foi dito, perguntas feitas e respondidas logo em seguida. E depois fazer um breve comentário do que foi visto e que precisa mudar pra melhorar nas exposições feitas.

Finalmente, na exposição oral (III) cita o que foi visto anteriormente na exposição oral (I) e no (II) e apresentar alguns temas para serem realizadas uma exposição oral (um seminário), como mostra a seguir:

Figura 9 - Livro 02: Exposição oral

No Brasil do século XIX, vários escritores adotaram também a ideia de por vezes recorrer ao jornal — tanto as notícias como a *faits divers* — como fonte de inspiração para seus escritos. Um dos exemplos mais conhecidos é o do romance *Casa de pensão*, do escritor Aluísio Azevedo, que se baseia num caso jornalístico conhecido como “A questão Capistrano”.

A questão Capistrano ocupou manchetes de jornais cariocas durante bastante tempo, no ano de 1876. O caso envolveu um estudante que, acusado de violentar Júlia Pereira Capistrano, permaneceu preso durante todo o ano de 1876. Julgado, o estudante foi absolvido e, poucos dias depois, assassinado pelo irmão de Júlia. O assassinato motivou uma série de reportagens, veiculadas pelos jornais do Rio de Janeiro, especialmente a *Gazeta de Notícias*.

Machado de Assis também valeu-se de matéria jornalística para produzir textos literários, como crônicas e passagens de seu romance mais famoso: *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

No século XX não faltam exemplos de ficção inspirada em *faits divers* ou em notícias, como a narrativa a seguir:

Texto 7

47

Fernando Bonassi

Uma calça dobrada, uma camisa estendida, uma cueca enrolada e óculos escuros: foi tudo o que encontraram na Kombi, estacionada na avenida Nações Unidas. Guardas noturnos e recepcionistas não viram nada e ninguém — nu ou vestido. Agora as peças de roupa ficam estiradas na mesa do delegado. Em torno delas a família e a polícia não conseguem entender esse tipo de mistério sem cadáver.

BONASSI, Fernando. 102 Mistérios colhidos na rua. São Paulo: Sotiza, 1996. p. 101.

Nos volumes seguintes desta coleção, você vai estudar com mais detalhes a relação entre jornalismo e literatura nos séculos XIX e XX e, sobretudo, as novas formas literárias que mantêm relação com o jornal no início do século XXI.

Linguagem oral

» Exposição oral (III)

Vocês já produziram e analisaram algumas exposições orais. Este é o momento de planejar mais uma exposição e observar as melhorias conquistadas no trabalho.

Neste capítulo, estudamos as notícias e os *faits divers*. Reúna-se então com seus colegas de grupo e preparem uma exposição oral sobre esse tema. Sigam os passos e as sugestões indicados nos capítulos anteriores.

a) Alguns temas possíveis:

- notícias antigas;
- o início da imprensa no Brasil;
- as notícias e os *faits divers* mais estranhos de nossa região;
- o *fait divers* na literatura brasileira;
- escritores antigos e atuais que utilizam o *fait divers* como fonte de inspiração.

246 UNIDADE 3 – Viagens

b) No dia combinado com o professor, façam a exposição e, se possível, gravem essa apresentação.

c) Comparem a primeira exposição com essa última, registrando no caderno todos os aspectos que melhoraram e as conclusões a que a classe chegou a respeito desse gênero.

Língua — análise e reflexão

» I. Polissemia

Chama-se **polissemia** a multiplicidade de significados que as palavras podem ter. Por exemplo, a palavra *dragão* é polissemica, ou seja, tem muitos significados. Observe alguns:

1. Animal fabuloso geralmente representado como uma espécie de serpente com o corpo coberto de escamas. Pode ainda ter um longo pescoço, garras de leão, asas de morcego e uma grande boca que expelpe fogo.
2. Soldado de cavalaria que podia combater a pé em algumas circunstâncias.
3. Ser que representa o poder do mal, o diabo, o demônio.
4. Tipo de peixe, encontrado desde a Flórida até o sul do Brasil.

A maioria das palavras de uma língua é polissemica, pois a linguagem humana é polissemica por natureza. As extensões de significado e as transferências de sentido criam diversos significados para a mesma palavra.

O contexto é que determina em que sentido uma palavra polissemica está sendo utilizada. Observe:

Carlos Gomes **fez** a ópera *O guarani* no final do século XIX.

compôs

Fiz barba e cabelo ontem.

cortou

Este carro **faz** 160 quilômetros por hora.

percorre

Minha filha gosta de **fazer** papel de princesa nas brincadeiras.

desempenhar, representar

O vendedor ambulante da minha rua consegue **fazer** 50 reais por dia.

ganhar, arrecadar

Às vezes, a polissemia pode ocasionar duplo significado em uma frase, gerando ambiguidade. Pode, em alguns casos, ser confundida com a homonímia.

Os dicionários organizam os verbetes pela grafia, ou seja, uma palavra, mesmo que tenha vários significados, recebe uma única entrada. Por exemplo, há uma única entrada para o verbo *tomar*, embora esse verbo possa ter vários significados, dependendo do contexto: *beber (tomar café)*, *pegar um meio de transporte (tomar o ônibus)*, *assumir (tomar uma decisão)*, assim por diante.



247 Notícia – CAPÍTULO 9

Fonte: Faraco (2013, p. 246-247).

Após toda essa apresentação do gênero seminário, o livro didático pede que se faça uma comparação da primeira apresentação da exposição oral com a segunda exposição, registrando os aspectos que melhoraram e as conclusões que se chegou a respeito da exposição oral, o seminário propriamente dito.

Diante do que foi exposto sobre a exposição oral, apresentado nos livros didáticos 1 e 2, no que se refere ao gênero seminário em sala de aula, pudemos constatar a importância desses livros, como norteadores para o trabalho do professor em sala de aula, ao tratar de um gênero oral, que permite o desenvolvimento cognitivo e argumentativo do aluno, através de uma linguagem própria. Não obstante toda a sua contribuição, vale ressaltar que eles não devem ser os únicos suportes capazes de motivar os professores no seu trabalho em sala de aula. Para isso é necessário complementar com outros recursos.

A apresentação do livro I, do livro didático Português e Linguagem de Cereja e Cochar (2015), apresenta as contribuições do gênero seminário para a sala de aula,

através de uma sequência de passos a seguir. Esses são a explanação da introdução do seminário; o planejamento, mostrando a pesquisa, tomada de notas; seleção e organização das informações; os recursos a serem utilizados; roteiro e o ensaio.

Em seguida, mostra a sequência e andamento da exposição, explicando como se faz na apresentação do seminário (abertura, cumprimentos da palavra, apresentação do tema, exposição, encerramento e o tempo). Para isso, enfatiza que o expositor deve utilizar as técnicas de fazer uma boa apresentação, diante de um determinado público, na qual utiliza uma linguagem predominante da norma padrão da língua.

Para concluir, o livro didático traz informações para a realização de um seminário, na qual expõe os temas a serem trabalhados. Enfatiza a compreensão do texto, mas não cita a argumentação como elemento essencial para esse gênero. Outro fator observado é que o livro exhibe os recursos que são utilizados para a exposição, mas não oferece as condições necessárias para que o aluno entenda como desenvolver este gênero. Nesse sentido a atividade ainda está bastante ligada à estrutura do gênero.

Já no livro II, do livro didático de Língua portuguesa: Linguagem e interação(2013), o autor expõe em três partes distintas, intitulando de exposição oral (I), (II) e (III), na exposição (I). Para isso, faz uma abertura explorando o oral (I) na qual mostra em poucas palavras o que é o gênero seminário e cita em forma de perguntas, para saber se o aluno já apresentou algum seminário. Em seguida, convida o aluno a refletir sobre as situações comunicativas, existentes em determinados meios de exposição, para explorar o assunto definido e organizar o que será apresentado de forma a separar a fala de cada participante.

Já no explorando (II), apenas retoma a parte anterior da exposição (I), submetendo ao registro dos pontos positivos e negativos de uma apresentação. Logo depois dá exemplos de como utilizar as formas linguísticas, apresentadas em cada momento da apresentação.

No explorando (III), segue pontuando alguns tipos de temas a serem trabalhados em sala de aula, na qual os alunos possam comparar com a apresentação feita no explorando (I).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho abordou a importância da argumentação presente nos gêneros orais e escritos, em especial no gênero seminário. Para isso apresentamos o estudo do texto como caminhos necessários para a construção da linguagem, destacando os elementos de textualidade que juntos compõem o texto.

Foi de grande importância penetrar no estudo dos gêneros orais e escritos que circulam a nossa volta, seja na sociedade ou na sala de aula, como também a função que esses exercem diante dos variados enunciados argumentativos e na sua produção.

Pudemos compreender o papel da argumentação nos diferentes contextos, ao convencer e persuadir o outro, através da linguagem, a ouvir e aceitar o seu ponto de vista, colocando em sequência lógica os fatos, variando de acordo com o seu objetivo, pois o argumento busca a evidenciar na base da citação e no raciocínio lógico.

O estudo do gênero seminário, como gênero argumentativo a ser trabalhado, principalmente em sala de aula, pareceu-nos uma grande ferramenta que o professor, como mediador, possui para desenvolver a escrita e a oralidade com seus alunos. Através deste gênero é possível trabalhar qualquer temática, seguido as etapas de início, meio e fim, na qual compartilham na forma de apresentação a um determinado público em determinado ambiente.

A reflexão realizada com os livros didáticos 1 e 2, ao tratar do gênero Seminário, nos fez compreender a importância desse suporte para a sala de aula, ao nortear a prática pedagógica do docente. No entanto, pudemos verificar que esse livro não dá conta de tudo, por isso a necessidade de complementar as pesquisas com outras fontes que somem às atividades do livro. Vale salientar a importância de trazer também, para a sala de aula, temas que tratem da prática social do aluno, de forma a oferecer um ensino mais significativo.

Enfim, pudemos constatar que a exposição oral é um gênero que depende de outros para existir, portanto comporta uma cadeia de textos presentes no gênero.

Em resumo, esperamos que estas reflexões, realizadas nessa pesquisa, possam contribuir para uma maior conscientização do professor em relação ao

trabalho com o gênero textual em sala de aula, em especial o oral ao desenvolver a capacidade argumentativa dos alunos, ainda pouco trabalhada.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho.** São Paulo: Parábola. Editorial, 2007

_____. **Análise de textos: fundamentos e práticas.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documentos/bncc-apresentação.pdf>>. Acesso em: 27 fev. 2018.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa.** Secretaria de Educação Fundamental, Brasília, 1997.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ -** Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio – língua portuguesa.** Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, 2000.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: Por um interacionismo sociodiscursivo.** In: _____. Trad. MACHADO, A. R.; CUNHA, P. 2. ed., 2. Reimpr. São Paulo: EDUC, 2012.

CAVALCANTE, M. C. B. **Estágio Supervisionado de Ensino.** Disponível em: <<http://portal.virtual.ufpb.br/biblioteca-virtual/files/estágio-suervisionado-i-linguisticaaplicada-a-língua-portuguesa-no-ensino-fundamental-1360181695.pdf>> Acesso em: 05 maio 2014.

CEREJA, Willian Roberto. **Português linguagens, 8º ano.** 9. ed. reform. São Paulo: Saraiva, 2015.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e Persuasão.** 14. ed. São Paulo: Editora ática, 2000.

Clara Regina Andrade, Altenfelder Ana Helena e Almeida Neide. **Se me lembro...: caderno do professor: orientação para produção de textos.** São Paulo: Cenpec 2010. (Coleção da Olimpíada)

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola.** Tradução e organização ROJO, Roxane; CORDEIRO, Glaís Sales. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

FARACO, Carlos Emílio. **Língua Portuguesa: linguagem e interação** 2. ed. São Paulo: Ática, 2013.

FIORIN, José Luiz. **Argumentação.** São Paulo: Contexto, 2015.

GOULART, Cláudia. **As práticas orais na escola: o seminário como objeto de ensino**. 2005. 228 f. Dissertação (Mestra em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2005. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/reposip/270428/1/goulart_claudia_m.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2018.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Argumentação e linguagem**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **Argumentação e Linguagem**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **A Interação pela Linguagem**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. **A coerência textual**. 17. ed.. – 2. Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **O texto e a construção dos sentidos**. 10. ed. 2. Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

MARCUSCHI, Luíz Antônio; DIONÍSIO A .P. **Fala e Escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MARCUSCHI, Luíz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Introdução as ciências da linguagem – Discurso e textualidade**/ LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy; ORLANDI, Eni Pulcinelli. (Orgs.). 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.

PONTES, Antonio Luciano; COSTA, Maria Aurora Rocha. **Ensino de língua materna na perspectiva do discurso: Uma contribuição para o professor**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2008.

ROJO, Rozane. et al. **Gêneros orais e escrito na escola**. Tradução de Rozane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. In: _____. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2004. (Coleção As faces da linguística aplicada).

SILVA, Denise Elena Garcia da. **Língua, gramática e discurso**. Goiânia: Cênone Editorial/grupo de Estudos de Linguagem do Centro-oeste, 2006.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

<<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/fala-se-ensina-423559.shtml>> Acesso em: 03 mar. 2018.